



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Tânia Margarida Dias Contente Ferreira

**Do espaço exterior para a sala  
de atividades**

Tânia Margarida Dias Contente Ferreira **Do espaço exterior para a sala de atividades**

UMinho | 2020

Julho 2020





**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Tânia Margarida Dias Contente Ferreira

**Do espaço exterior para a sala  
de atividades**

Mestrado em Educação Pré -Escolar

Trabalho realizado sob a orientação da  
**Professora Doutora Maria de Fátima Vieira**

## Direitos de autor e condições de utilização do trabalho por terceiros

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença [abaixo](#) indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição-NãoComercial-SemDerivações**

**CC BY-NC-ND**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Agradecimentos

Porque muito melhor que pedir é agradecer, e chegado ao final desta caminhada, tornasse imprescindível agradecer, tendo consciência que não é fácil e que por vezes as palavras não são suficientes para agradecer tudo e a todas as pessoas que me acompanharam nesta longa caminhada. Por essa mesma razão, não quero deixar passar a oportunidade de agradecer, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para o meu sucesso e a minha chegada até aqui.

Em primeiro lugar quero agradecer à minha família, em particular aos meus pais que estiveram sempre presentes ao longo desta minha caminhada. Obrigada pelo esforço que enfrentaram para que este sonho se tornasse realidade.

Quero agradecer às minhas amigas de sempre, Joana, Isabel, Eva e Susana, que nunca me deixaram desistir e que sempre estiveram do meu lado, apoiando em todas as minhas quedas e festejaram comigo os momentos de vitória. Obrigada meninas, obrigada pela amizade que nos une desde sempre, obrigada pelo apoio incondicional.

À minha amiga Beta e Clara por estarem do meu lado incondicionalmente.

Às minhas amigas e colegas de formação, que sempre me apoiaram e partilhavam comigo todas as suas sugestões e conselhos para me tornar numa profissional melhor.

Um agradecimento especial à Beatriz Ribeiro. Obrigada pela paciência, pelo apoio incondicional no decorrer de todo o estágio, por partilhares comigo todas as tuas opiniões e por nunca me deixares cair nos momentos menos bons.

À Marcela que de uma colega de estágio se tornou uma amiga para a vida. Obrigada por tudo mesmo, por me ouvires e por me apoiares em todas as minhas decisões.

Às minhas estrelinhas guias, que sempre me apoiaram neste meu sonho e sempre me guiaram pelo melhor caminho.

A todas as crianças que cruzaram o meu caminho. Obrigada pelo carinho, por toda a alegria transmitida e por tudo o que me ensinaram.

Às educadoras cooperantes. Obrigada pela sabedoria, partilha e disponibilidade no decorrer de todo o estágio. Obrigada pela paixão demonstrada pela profissão e pelo amor que colocavam em tudo o que fazem.

Agradecer também à minha supervisora Fátima Vieira. Obrigada por todos os conselhos, por toda a sabedoria demonstrada, por toda a partilha de experiências e conhecimento.

Agradecer a todos os amigos e conhecidos que se foram cruzando comigo nesta caminhada

Não poderia deixar de agradecer a todos os docentes, profissionais e instituições por onde passei durante este meu percurso.

Obrigada a todos, de coração.

## **Declaração de Integridade**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

## Resumo

O presente relatório intitula-se “Do espaço exterior para a sala de atividades” e surge no âmbito na Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada (PES) inserido no Plano de Estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar lecionado na Universidade do Minho.

Este relatório tem por base, o projeto de intervenção desenvolvido em contexto de creche e em contexto pré-escolar. Os projetos desenvolvidos foram delineados com base nas observações realizadas durante as primeiras semanas de estágio num e noutra contexto que evidenciaram um interesse especial dos grupos por brincar no espaço exterior.

O espaço exterior da instituição de estágio encontrava-se em reestruturação e por isso fazia sentido aproveitar esta circunstância para ampliar as oportunidades de brincadeira e exploração nesse espaço ou, em alternativa, “trazer o espaço exterior para a sala” oferecendo às crianças materiais naturais e outros materiais de uso aberto para manipularem e explorarem.

Os dados recolhidos durante os projetos de intervenção sugerem que quer o brincar no espaço exterior, quer a exploração de materiais naturais constituem oportunidades ricas para a aprendizagem das crianças, em creche e em jardim de infância.

**Palavras-Chave:** Brincadeira, espaço exterior, exploração, materiais naturais

## Abstract

The present report is entitled “From the outer space to the activity room” and appears within the scope of the Supervised Teaching Practice Course (PES) inserted in the Study Plan for the Master in Pre-School Education taught at the University of Minho.

This report is based on the intervention project developed in a day care centre and in a pre-school context. The projects were outlined based on the observations made during the first weeks of the internship in each context that revealed a special interest of the groups of children in playing outside.

The outdoor space of the internship institution was undergoing restructuring and, therefore, it made sense to take advantage of this circumstance to expand the opportunities for playing and exploration in that space or, alternatively, “bring the outdoor space to the room” presenting children natural materials and others open use materials to manipulate and explore.

The data collected during the intervention projects suggest that both playing outside and exploring natural and open materials are rich opportunities for children to learn, in day care and kindergarten.

**Keywords:** Play, outdoor space, exploration, natural materials.

## **Siglas e abreviaturas**

**IPSS** – Instituição Particular de Solidariedade Social

**OCEPE** - Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar

**PES** – Prática de Ensino Supervisionada

## Índice

Direitos de autor e condições de utilização do trabalho por terceiros.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Declaração de Integridade .....	v
Resumo.....	vi
Abstract.....	vii
Siglas e abreviaturas.....	viii
Introdução.....	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico .....	4
1. O potencial educativo do espaço exterior .....	4
1.1. As aprendizagens da criança no espaço exterior .....	6
1.2. O papel do educador no espaço exterior .....	7
2. A Educação Ambiental na Infância.....	9
Capítulo II – Metodologia .....	11
1. Uma aproximação à Metodologia de Investigação – Ação.....	11
Capítulo III – Caracterização da Instituição.....	12
1. Caracterização geral do contexto.....	12
1.1. O Espaço exterior .....	12
2. Valência de Creche .....	14
2.1. Caracterização do grupo de crianças .....	14
2.2. Caracterização do espaço educativo da sala .....	14
2.3. Organização do tempo educativo – Rotina Diária .....	16
3. Valência de Pré-Escolar .....	17
3.1. Caracterização do grupo de crianças .....	17
3.2. Caracterização do espaço educativo da sala .....	18
3.3. Organização do tempo educativo – Rotina Diária .....	19
Capítulo IV - Estratégias de Intervenção Pedagógica – Creche.....	21
1. Identificação da problemática.....	21
2. Estratégias de intervenção.....	22
2.1. Organizar materiais naturais em caixas de diferentes tamanhos.....	23
2.2. Exploração de materiais naturais .....	25
2.3. Pintar com materiais naturais.....	27
2.4. Exploração de areia.....	28
3. Análise reflexiva da Intervenção Pedagógica .....	30

Capítulo V - Estratégias de Intervenção Pedagógica – Pré-Escolar .....	32
1. Identificação da Problemática.....	32
2. Estratégias de Intervenção .....	33
2.1. Apresentação da música “Planeta Limpo” .....	34
2.2. Reciclagem de papel velho .....	35
2.3. Confeção de Pinheiros de Natal.....	37
3. Análise reflexiva da Intervenção Pedagógica .....	38
Considerações Finais.....	40
Referências Bibliográficas .....	42
Anexos .....	44

## Introdução

No âmbito da Unidade Curricular de Estágio inserida no Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar, foi proposto a elaboração do presente relatório referente à intervenção pedagógica realizada primeiramente em contexto de creche e posteriormente em contexto pré-escolar, com finalidade de obter o grau de mestre.

Vieira (2010) diz-nos que “o estágio é uma etapa final deste percurso, um momento fulcral de aprendizagem frequentemente entendido e vivido como uma experiência estruturante, um marco fundamental na formação e preparação para entrada no mundo da profissão” (p.30). Desta forma, durante o estágio procurei desenvolver aprendizagens profissionais práticas essenciais ao desempenho profissional como futura educadora de infância. Contudo esta aprendizagem não termina por aqui, pois como Vieira (2010) afirma,

“A aprendizagem em torno da profissão não se inicia apenas quando se entra na universidade, nem se esgota nessa etapa de formação: é antes, uma aprendizagem que acontece desde cedo, através de múltiplas experiências vividas como aluno, antes e durante o percurso académico na universidade, prolongando-se depois, na vivência quotidiana da profissão” (p. 41).

No decorrer das primeiras semanas de estágio, observei as crianças a fim de conhecer os seus interesses e necessidades, para posteriormente conseguir desenhar um Projeto de Intervenção Pedagógica adequado aos grupos.

O estágio em creche e em jardim de infância decorreu na mesma IPSS situada em Vila Nova de Famalicão.

Nas observações iniciais realizadas na sala de Creche 2, constatei que apesar da instituição oferecer um espaço exterior amplo com várias zonas onde as crianças podiam brincar, estas raramente as utilizavam porque não estavam nas melhores condições. No entanto, estava prevista a sua reabilitação nesse ano letivo.

Durante as primeiras semanas de observação foi possível constatar duas situações em que as crianças foram ao espaço exterior. No primeiro dia de observação, no fim da atividade de psicomotricidade que se realiza à terça-feira de manhã, a educadora propôs ao grupo brincar no espaço exterior da instituição.

*“As crianças estão felizes por estarem no exterior a brincar, umas andam de baloiço e pedem a um dos adultos para empurrar, mas a maior parte prefere o escorregão. Todas querem subir ao mesmo tempo. É possível observar a satisfação das crianças por estarem no exterior a brincar. Na hora de ir para dentro fazer a higiene pessoal e ir almoçar as crianças ficam tristes por não terem mais tempo para estar no exterior.”*

***Nota de campo, dia 19 de fevereiro de 19***

As crianças apreciavam bastante a brincadeira no exterior; observei expressões de bem-estar, de satisfação e o seu elevado envolvimento. Constatar o entusiasmo das crianças pela brincadeira no exterior e verificar o investimento da própria instituição na reorganização desse espaço levou-me a escolher esta temática para desenvolver o projeto de intervenção pedagógica.

Em jardim de infância observei que as idas ao espaço exterior eram privilegiadas pela educadora e pelas crianças. Estas adoravam e aproveitavam ao máximo o espaço que a instituição oferecia e que, entretanto, fora melhorado. Havia uma preocupação por parte das crianças e da equipa educativa em torno das questões da preservação do ambiente.

A informação recolhida através da observação pôs em evidência que as crianças apreciavam as brincadeiras no exterior, sugerindo também ser importante com as crianças mais velhas dar continuidade ao seu interesse pela reciclagem e reutilização de materiais.

Assim, os projetos desenvolvidos pretenderam de um modo geral ampliar as oportunidades de exploração e brincadeira no exterior, promover atitudes de respeito e cuidado com os espaços naturais, sensibilizar as crianças para a importância de reutilizar materiais, estimular a exploração e a representação criativa com materiais de desperdício e naturais.

O espaço exterior oferece à criança excelentes oportunidades de exploração, desafios, liberdade e autonomia. Permite que esta experiencie todos os seus sentidos e que sintam o exterior no seu esplendor. Para Bento, Bilton, & Dias (2017), “Através do brincar no exterior, as crianças têm a oportunidade de enfrentar riscos, resolver problemas de forma autónoma e de mobilizar o corpo e os sentidos nas suas explorações” (p.17).

Este relatório de estágio encontra-se dividido em cinco capítulos, sendo que o primeiro capítulo diz respeito ao enquadramento teórico, relacionado com os projetos de intervenção desenvolvidos em contextos de creche e de pré-escolar. No capítulo dois é descrita a metodologia utilizada para desenvolver os projetos

No capítulo três apresenta-se a caracterização geral dos contextos de intervenção, dos grupos de crianças, das salas de atividade, do espaço exterior e das rotinas diárias.

O capítulo quatro e cinco dizem respeito às intervenções desenvolvidas em ambos os contextos. Inicia-se cada um destes capítulos com a identificação da problemática e prossegue-se com a descrição das estratégias de intervenção e a sua análise reflexiva

Por último é apresentado uma reflexão geral de toda a formação.

## Capítulo I – Enquadramento Teórico

“Brincar assume-se como um meio privilegiado para as crianças aprenderem a lidar com desafios, desenvolverem capacidades e conhecimentos úteis a um cidadão autónomo e autodeterminado.”  
(Pelligrini & Smith, 1998)

### 1. O potencial educativo do espaço exterior

Quando recuo à minha infância, recordo que a maior parte das brincadeiras aconteciam no exterior, sem grande proteção e preocupação dos adultos. Por exemplo, os elementos da natureza (paus, folhas, relva, pedras) eram utilizados para confeccionar “refeições. Como refere Neto (2018) “a nossa infância é profundamente marcada pelas experiências de contacto com a natureza, efetuadas em companhia dos pais, dos amigos e também sozinho” (p. 11). O autor também refere que “as nossas memórias sobre experiências lúdicas (brincadeiras, uso de brinquedos ou jogos) vividas na infância, apresentam sempre sentimentos positivos relacionados com recordações de lugar, objetos, amigos e aventuras” (Idem).

Nos dias de hoje são escassas as oportunidades que as crianças têm para brincar no exterior, sendo que estas oportunidades tendem cada vez mais a desaparecer devido a vários fatores nomeadamente o aumento do tráfego automóvel, o crescente desenvolvimento urbano e interesse dos pais novos pelas tecnologias (Neto, 2005M; Freeman & Tranter (2011) citados por Bento, 2015) A estes fatores podemos ainda acrescentar a falta de disponibilidade dos pais/familiares para levar as crianças a brincar nos espaços exteriores e a superproteção das crianças (Bento, Bilton & Dias, 2017)

Na última década, o brincar no espaço exterior tem sido objeto de interesse de investigadores e educadores, tendo sido identificados benefícios para o desenvolvimento saudável da criança quer do ponto de vista sensorial quer do ponto de vista motor. No espaço exterior a criança pode aprender a ultrapassar medos, a correr riscos, a fazer novos amigos, a autorregular o seu comportamento, a conhecer o mundo que a rodeia a criar mundos imaginários, a superar-se, a desenvolver a concentração e a capacidade de resolver problemas (Bento & Portugal, 2016, Bento. 2015). De facto, como refere Bento (2015) “a possibilidade de brincar ao ar livre, de forma autónoma e espontânea, permite desenvolver competências motoras, sociais, cognitivas e emocionais, que se revelam fundamentais para a vida adulta (e.g capacidade de tomar decisões, cooperar com os outros)” (p.130). Citando Thomas e Handing (2011), a autora refere ainda que

quando a criança brinca no exterior, ela aprende mais e melhor, a criança entrega-se de corpo e alma ao que está a fazer, mobilizando desta forma todo o seu todo “estimulando-a a ser uma construtora ativa do seu próprio conhecimento” (Bento, 2015, p.130).

Silva (2012), afirma que “não podemos deixar de alertar o quanto, na sociedade contemporânea o brincar vem se modificando, afastando as crianças das atividades lúdicas e criativas ao ar livre e confinando-as a recintos fechados ladeados pelos mais sofisticados equipamentos de diversão tecnológica (p. 1).

Na perspectiva de Moreno (2009) e Neto (2005), citados por Bento & Portugal (2016), com o passar dos anos tanto no nosso país como em outros países europeus, o brincar é cada vez mais estruturado e pensado para os espaços interiores e fechados sempre com a presença e controlo de um adulto. O brincar ao ar livre tende a desaparecer “ocupando-se os dias das crianças com horários preenchidos, em que estas transitam de uma atividade para a outra, sem tempo para brincar livremente” (p.87).

Neste sentido, cabe a nós futuros educadores de infância, proporcionar às crianças experiências e oportunidades para usufruírem dos espaços exteriores e da natureza nos nossos contextos educativos. Não serve de nada apregoar os benefícios que advém do brincar no exterior e na natureza se na prática, não damos oportunidade às crianças de usufruírem das potencialidades do exterior.

Segundo as OCEPE (Silva et. al. 2016), “o espaço exterior é igualmente um espaço educativo pelas suas potencialidades e oportunidades educativas que pode oferecer, merecendo a mesma atenção do/a educador/a que o espaço interior” (p. 27). O espaço exterior deve ser organizado e planeado de forma a responder às necessidades e interesses das crianças. Os espaços exteriores:

“exigem que o educador/a reflita sobre as suas potencialidades e que a sua organização seja cuidadosamente pensada, nomeadamente no que se refere à introdução de materiais e equipamentos que apelem à criatividade e imaginação das crianças e que atendam a critérios de qualidade, com particular atenção às questões de segurança” (Lopes da Silva et al.2016, p. 27).

Contudo e como referem Bento e Portugal (2016), alguns estudos sobre esta temática, tem vindo a demonstrar, que o tempo que as crianças passam no espaço exterior é reduzido, comparado com o tempo que estas passam nas salas a realizar atividades orientadas pelo adulto.

## 1.1. As aprendizagens da criança no espaço exterior

Como tem vindo a ser referido, o brincar no exterior, acarreta diversas oportunidades e desafios benéficos para o desenvolvimento e aprendizagens das crianças a diversos níveis; desenvolve a criatividade, a concentração, a habilidade, a capacidade de resolver problemas e tomar decisões (Coelho et al., 2015).

Brincar livremente em ambientes naturais e versáteis, promove competências como o equilíbrio a agilidade e a coordenação, que por sua vez permitem uma maior liberdade de movimentos no seu todo. Bento (2015) refere que, “o desenvolvimento motor relaciona-se de uma forma estreita com o desenvolvimento cognitivo, considerando-se que a compreensão do mundo é feita a partir das interações e explorações das crianças” (p.130).

Quando brincam ao ar livre as crianças desenvolvem ainda competências de observação, atenção e curiosidade que fomentam a vontade de saber, conhecer e descobrir mais (Thomas & Harding 2011, citados por Bento, Bilton & Dias 2017, p.91). Estas são disposições importantes no processo de aprendizagem das crianças.

Quando as crianças saem do espaço interior para o espaço exterior e entram em contacto com a natureza “aprendem de maneira diferente, experimentando melhorias em diferentes domínios como o cognitivo, o social, e o afetivo” (Moss., 2012; Well., 2000, citado por Coelho et al., 2015, p. 113).

No que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, os espaços exteriores “colocam desafios às crianças, incentivando-as a mobilizar estratégias de resolução de problemas e de pensamento criativo” (Tovey, 2007, citado por Bento & Portugal, 2016, p.91).

A nível emocional, o espaço exterior, promove a autoestima e a confiança da criança. Esta ao lidar com diferentes obstáculos vai aprendendo a arranjar soluções e estratégias para a resolução de problemas (Fjortoft, 2001).

A nível do desenvolvimento social, o espaço exterior é considerado um local “onde emergem diferentes oportunidades de interação e partilha entre as crianças” (Dias, Bento & Bilton, 2017, p.87). O espaço exterior potencializa atitudes de cooperação entre crianças para atingir o mesmo objetivo, como por exemplo, deslocar um tronco de grandes dimensões de um local para outro. É no brincar ao ar livre que “as crianças tornam-se professoras e aprendizes “trocando” entre si competências e conhecimentos úteis para a superação de desafios” (Dias, Bento & Bilton, 2017, p.88).

O espaço exterior também contribui de uma forma positiva para as relações entre crianças e adultos. No espaço exterior os adultos tornam-se “mais descontraídos e disponíveis para interagir com as crianças, mostrando abertura para novas formas de fazer e aprender” (Dias, Bento & Bilton, 2017, p.89).

Ao brincar com regularidade no espaço exterior a criança desenvolve “um sentido de pertença ao espaço, de ligação ao mundo, e conseqüentemente, a base da adoção de atitudes positivas e pro ativas em relação ao ambiente” (Bento & Portugal. 2016, p.92). Ao contactar com os espaços exteriores, a criança cria hábitos de proteção e respeito pela natureza tornando-se mais sensível à sua preservação.

## **1.2. O papel do educador no espaço exterior**

Para além de se colocar em evidência a importância do espaço exterior no desenvolvimento e nas aprendizagens das crianças, importa refletir sobre o papel do adulto na promoção do brincar no exterior, uma vez que as duas problemáticas estão interligadas.

É sabido que o educador de infância tem um papel crucial no que respeita às brincadeiras das crianças, agindo como observador e como participante. Através da observação o educador vai conhecendo as crianças e percebendo quais são os seus interesses. A este respeito as OCEPE (Silva et al. 2016) mencionam que, “Observar e envolver-se no brincar das crianças, sem interferir nas suas iniciativas, permite ao/à educador/a conhecer melhor os seus interesses, encorajar e colocar desafios às suas explorações. Esta observação possibilita-lhe ainda planejar propostas que partindo dos interesses das crianças, os alarguem e aprofundem” (p. 11).

Os educadores devem reconhecer aos espaços exteriores como espaços pedagógicos, identificando os seus benefícios para o desenvolvimento e aprendizagens das crianças. Neste sentido, Bento & Portugal (2016) referem que, “reconhecer o espaço exterior como um contexto pedagógico exige uma atitude de profundo respeito, reconhecimento e compreensão das capacidades e interesses das crianças (criança ativa e competente)” (p.92).

Condições físicas menos favoráveis, a opinião dos pais e as condições climatéricas podem levar os educadores a não aproveitar as potencialidades pedagógicas do espaço exterior. Porém, o educador de infância, enquanto gestor do currículo, deve reconhecer o mesmo como uma estrutura de oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem concedendo às crianças espaço e tempo para levarem a cabo as suas iniciativas, tomar decisões sobre o que fazer, com quem e como, no âmbito do brincar.

É fundamental que o educador de infância proporcione às crianças espaços estruturados e não estruturados, para que elas explorem livremente. Desta forma as mesmas têm a oportunidade de interagir umas com as outras e também de lidar com os desafios e riscos que o espaço exterior lhes proporciona. Assim, o educador pode planejar “espaços de brincadeira menos estruturados, com vigilância escondida, onde estas podem explorar materiais, interagir de forma mais livre e autónoma, aprender a lidar com os riscos e perigos inerentes ao espaço e materiais” (Vale, 2013, p. 12).

As crianças gostam de desafiar-se a si próprias e de se envolverem em brincadeira que envolvam risco e desafio, pondo à prova todas as suas capacidades para ultrapassar esses mesmos riscos e desafios. Bento, Bilton & Dias (2017) salientam que “lidar com o risco associa-se a um sentimento de superação de limites, que promove a autoestima e a confiança da criança nas suas competências” (p.51).

Por vezes os educadores de infância caem no erro de controlar regularmente e de forma exagerada a brincadeira no espaço exterior, privando as crianças de contactar com ambientes extremamente desafiadores e interessantes para o seu desenvolvimento. Contudo e como referem Bento, Bilton & Dias (2017) “Quando um adulto é capaz de gerir o risco de forma flexível, reconhecendo o seu impacto positivo no desenvolvimento da criança, as vivências de desafio serão facilitadas e incentivadas” (p. 68). Assim e desta forma o educador deve encorajar as crianças a envolverem-se em brincadeiras de risco, “no entanto, o apoio do adulto será fundamental em situações em que o grau de dificuldade ou risco pode induzir elevados níveis de sofrimento e frustração” (Ibidem).

Como tem vindo a ser referido as brincadeiras que envolvem risco tem um papel fundamental no desenvolvimento e evolução da criança “respondendo à sua natural curiosidade e necessidade de estimulação” (Bento, Bilton & Dias, 2017, p.70).

Smith (1998) citado por Bento (2017), diz-nos que “o risco deve ser percebido como uma componente importante da relação pedagógica que o adulto estabelece com a criança, sendo necessário analisar as situações de brincar arriscado atendendo à perspetivada da criança” (p. 391).

Concluindo, é fundamental aceitar que faz parte do crescimento das crianças esfolar os joelhos, sendo que é impossível garantir que isso não aconteça. Christensen; Mikkelsen, (2008) e Smith (1998) citado por Bento (2017) dizem-nos que,

“a atuação do adulto deve ser ponderada em virtude do conhecimento que se tem das competências, interesses e motivações da criança, refletindo-se em torno dos ganhos para o desenvolvimento que podem advir tanto do fracasso como do sucesso na resolução do desafio” (p. 392).

## **2. A Educação Ambiental na Infância**

Para que as crianças possam usufruir de espaços exteriores de qualidade, é fundamental que desde muito cedo as crianças adquiram hábitos de preservação e proteção do ambiente. Neste sentido e como referem Bento & Portugal (2016),

“o contacto regular com o espaço ao ar livre está na base do desenvolvimento de um sentido de pertença a espaço, de ligação ao mundo e, conseqüentemente, na base da adoção de atitudes positivas e pro ativas em relação ao ambiente” (p.92).

Também Folque, Aresta & Melo (2017) entendem que

“Sendo (...) as crianças os cidadãos mais novos, são estes que durante mais tempo poderão participar e influenciar o futuro. Assim são as crianças que melhor garantem a sustentação no tempo de práticas sustentáveis, num constante exercício de cidadania que se quer global. (...) A ideia é que as crianças possam logo na infância ter oportunidades de aprender que lhes permita participar na construção dum mundo sustentável” (p.1).

Isto pressupõe uma educação para o desenvolvimento sustentável “entendida como um procedimento de formação contínua onde os conhecimentos adquiridos permitem que os indivíduos participem, de modo a contribuir para a resolução de diversos problemas no sentido de preservar a qualidade ambiental” (Almeida, 2002).

A educação ambiental e o conceito de Educação para o Desenvolvimento Sustentável estão inter-relacionados. Nas OCEPE (Silva et al.,2016), a Área do Conhecimento do Mundo, o Conhecimento do Mundo Físico e Natural, valoriza o contacto das crianças com a natureza, como forma de promover o desenvolvimento de uma consciencialização para a importância da preservação do ambiente e recursos naturais. (p.90).

No mesmo documento afirma-se ainda que

“O papel da educação artística no desenvolvimento da criatividade, sentido estético e apreciação de diferentes manifestações artísticas e culturais implica uma íntima ligação com as áreas de Formação Pessoal e Social e do Conhecimento Mundo, contribuindo, nomeadamente: para a construção da identidade pessoal, social e cultural; para o conhecimento do património cultural e para a sensibilização à sua preservação; para o reconhecimento e respeito pela diversidade cultural” ( Silva, et al. 2016, p.48).

Cabe ao educador estimular as crianças a reduzir ao máximo o consumo de recursos/materiais e a uma nova vida ao lixo/desperdício das nossas casas ou da própria instituição onde as crianças estão inseridas. Ao fazer esta opção estará a proporcionar oportunidades para explorar e conhecer diferentes tipos de materiais, a promover o desenvolvimento de capacidades criativas e a sensibilizar as crianças para a preservação do ambiente.

## Capítulo II – Metodologia

### 1. Uma aproximação à Metodologia de Investigação – Ação

Tal como sugerem as OCEPE a prática pedagógica foi desenvolvida com base na observação, no registo e documentação, no planeamento e na avaliação. Os ciclos sucessivos e interativos envolvendo estes processos permitem melhorar a ação pedagógica e dar respostas adequadas aos grupos de crianças (Silva, et al., 2016). Assim, é possível dizer que a metodologia utilizada se aproximou da investigação-ação. O ciclo investigação-ação envolve “um processo de questionamento sistemático da prática, constituindo uma estratégia de formação reflexiva” (Alcarão, 1996, p.122). Implica, assim, observar, agir, planificar e refletir com o intuito de melhorar as práticas. Isto quer dizer que o educador é “competente e capacitado para formular questões relevantes no âmbito da sua prática, para identificar objetivos e escolher estratégias de forma a monitorizar tanto os processos como os resultados” (Máximo-Esteves, 2008, p.76).

Ao adotar uma postura profissional indagadora e reflexiva o profissional de educação aperfeiçoa a construção e a qualidade da sua prática educativa. Neste sentido Estrela (1994), diz-nos que a investigação-ação consiste em “recolher e organizar criteriosamente a informação e de se adaptar continuamente aos elementos da situação” (p. 27).

Segundo Estrela (1994), é importante observar, analisar e problematizar para intervir e avaliar, (...) realizando o processo de observação, que é “a primeira fase exigida pela prática quotidiana” (p.29).

Desta forma e durante toda a prática pedagógica, quer em contexto de creche quer em contexto de pré-escolar, recorri à observação, que segundo as OCEPE (Silva et. al. 2016) permite conhecer os interesses e necessidades das crianças através “do brincar e de situações da iniciativa das crianças”. Neste sentido, é importante referir que as observações acompanhadas das notas de campo foram fundamentais para delinear os planos de intervenção pedagógica, planificar atividades de acordo com as necessidades e interesses das crianças e refletir sobre os seus efeitos na aprendizagem das crianças. Para além das notas de campo, recorri também ao registo fotográfico, que serviu para captar as produções das crianças, assim como as expressões faciais de cada uma, que me permitiram obter informações sobre o envolvimento das crianças. Lidia Máximo-Esteves (2008) refere que “as imagens registadas não pretendem ser trabalhos artísticos, apenas documentos que contenham informação visual disponível para mais tarde, depois de convenientemente arquivada, serem analisadas e reanalisadas, sempre que tal seja necessário (...)” (p.91).

## Capítulo III – Caracterização da Instituição

### 1. Caracterização geral do contexto

A prática pedagógica supervisionada em creche e em jardim de infância decorreu numa Instituição Particular de Solidariedade Social, situada no concelho de Vila Nova de Famalicão, distrito de Braga.

A instituição possui valências de Creche (Berçário, Creche 1 e Creche 2), duas salas de Educação Pré-escolar (Pré-Escolar 1 e Pré-Escolar 2), Centro Educativo, Clube Sénior, Educação Parental e Psicologia.

O Projeto Educativo definido para 2017-2020 apresenta-se sob o título “Juntos por um Mundo Melhor”

#### 1.1. O Espaço exterior

Na instituição existam espaços exteriores distintos para as crianças em idade de creche e em idade pré-escolar.

O parque da creche era revestido com piso esponjoso, tendo ainda um toldo que se podia abrir e fechar para proteger as crianças do sol. O espaço incluía uma casa e uma cozinha de plástico, um quadro com tecidos de diferentes texturas e espaço para guardar materiais diversificados (bolas, escorregas, caixas, bonecos entre outros). “A zona do exterior de recreio é um prolongamento importante do ambiente interior de exploração e brincadeira. Lá fora os bebés ouvem, cheiram, sentem ou vêem árvores, nuvens, vento, temperaturas quentes ou frias e alterações de luminosidade” (Post & Hohmann, 2011, p.161).

No que diz respeito ao espaço exterior destinado ao pré-escolar, a instituição, oferecia um espaço bastante enriquecedor com materiais e equipamentos diversificados. Estava dividido em 6 áreas:

##### Área da cozinha recreativa



Figura 1

Nesta área existiam, utensílios e mobiliários associados à mesma, mesas e cadeiras feitos com troncos de madeira e um tanque com terra.

### Área dos Circuitos e Desafios



Figura 2

Esta área estava apetrechada com pneus, dois rolos de madeira, uma palete e uma construção com pneus que as crianças podem trepar e descer.

### Área do Parque



Figura 3

No parque existiam balanços, um escorrega, um balanço, uma moto e um cavalo onde as crianças podem balançar e ainda um pneu atado a uma árvore para as crianças balançarem.

### Área Desportiva



Figura 4

Incluía alguns equipamentos para fazer exercício físico, usado geralmente pelos utentes do espaço sénior, uma parede de escalada e duas balizas de futebol.

### Área das Construções



Figura 5

Na área das construções existiam caixas com pedaços de madeira, folhas, paus e conchas do mar.

## Área dos Troncos Amarelos:



Figura 6

Nesta parte do parque havia a possibilidade de contar histórias, de realizar atividades musicais, de as crianças lancharem e também servia como um minianfiteatro.

## 2. Valência de Creche

### 2.1. Caracterização do grupo de crianças

O grupo de crianças da sala de Creche 2 era constituído por vinte e quatro crianças, treze meninos e onze meninas com idades compreendidas entre os dois e os três anos de idade. Uma das crianças deste grupo apresentava Necessidades Educativas Especiais. Este grupo de crianças, caracterizava-se pela curiosidade, simpatia, empatia pela responsabilidade e autonomia.

As crianças mostravam bastante interesse na exploração de materiais existentes nas diferentes áreas e também nos materiais naturais quando iam para o espaço exterior da instituição. A observação do grupo permitiu identificar um especial interesse pelas brincadeiras e atividades no exterior.

A equipa educativa era constituída por Educadora de Infância e duas Auxiliares de Ação Educativa. A ação da equipa educativa da sala da Creche 2 baseava-se principalmente, na filosofia e princípios da abordagem curricular High/Scope (Post & Hohmann, 2011), mas também na abordagem da Educação Experiencial (Laevers, 2014)

### 2.2. Caracterização do espaço educativo da sala

A sala de Creche 2 estava organizada em concordância com o princípio da aprendizagem ativa da criança e de acordo com os interesses e necessidades do grupo. Post & Hohmann (2011) dizem-nos que,

“Um ambiente bem pensado promove o progresso das crianças em termos de desenvolvimento físico, comunicação, competências cognitivas e interações sociais. Este

ambiente permite que as crianças façam aquilo que naquele momento conseguem fazer, mas que, no entanto, cresce com elas” (p.101).

A sala era ampla e com alguma luz natural, sendo, contudo, necessário recorrer à luz artificial. O espaço estava dividido em áreas de interesse: área do faz-de-conta; área das ciências; área das construções; área da biblioteca, área das artes e área dos jogos de mesa. Existia ainda uma casa de banho partilhada com as crianças da sala da Creche 1, e uma pequena sala de arrumos onde estavam os catres.

### Área do faz-de-conta



Figura 7

A área do faz de conta incluía diverso equipamento e materiais; mesa, cadeiras, pratos, talheres, tachos, alguns alimentos, cama, bonecos e roupas, embalagens de produtos de higiene, estetoscópio, um termómetro entre outros materiais.

### Área das ciências



Figura 8

Lupas, pinças e copos de observação.

### Área das artes



Figura 9

Cavalete, folhas, marcadores, lápis de cor, lápis de cera, tintas, pinceis.

### Área da biblioteca



Figura 10

A área estava apetrechada com livros sobre animais, transportes e outros livros de contos tradicionais. Tinha ainda uma televisão para as crianças tinham oportunidade de visualizarem filmes de desenhos animados.

### Área das construções



Figura 11

Na área das construções havia pistas de carros, alguns carros, capacetes, blocos de madeiras e legos.

### Área dos jogos de mesa



Figura 12

Esta área estava apetrechada alguns jogos de mesa, mesas e cadeiras.

As crianças podiam aceder a todos os materiais e equipamentos. As áreas estavam identificadas com desenhos e palavras.

## 2.3. Organização do tempo educativo – Rotina Diária

A rotina (anexo1) da sala de Creche 2, iniciava às 9h com o Acolhimento, cantando a canção dos “Bons-Dias”. Posteriormente a educadora conversava com as crianças sobre o que iriam fazer ao longo do dia. Depois acontecia o tempo de grupo com atividades propostas pela educadora. Durante este período também ocorria o tempo de escolha livre. Assim, enquanto metade do grupo estava nas áreas, a outra metade estava a realizar as atividades planeadas para aquele dia. De referir, que as manhãs de terça-feira e quarta-feira eram destinadas às atividades de

psicomotricidade e de música respetivamente. Contudo e dependendo dos interesses das crianças estas atividades podiam ser realizadas em dias diferentes.

Após este período acontecia uma rotina de higiene que antecedia o almoço. Enquanto decorria a rotina de higiene a educadora sentava-se com as crianças num pequeno espaço fora da sala, contava histórias e cantava canções.

A sesta acontecia entre 11h50 até as 14h30. Normalmente as crianças acordavam ao seu ritmo e à medida que isso acontecia iam à casa de banho, calçavam-se e vestiam a bata sozinhos. Das 15h às 16h ocorria o lanche e mais uma rotina de higiene.

Entre as 16h15 e as 17h realizavam-se atividades livres de exploração de materiais da sala e/ou do exterior.

A rotina diária era consistente, transmitindo segurança. Esta consistência permite às crianças desenvolver noções sobre a passagem do tempo (Post & Hohmann, 2011),

### **3. Valência de Pré-Escolar**

#### **3.1. Caracterização do grupo de crianças**

O grupo de crianças da sala de Pré-escolar 1 era constituído por vinte e quatro crianças, catorze meninos e dez meninas, com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos de idade. Onze já frequentavam a sala de Pré-escolar 1, doze tinham transitado da sala de Creche 2 e uma das crianças frequentava pela primeira vez a instituição. Neste grupo estavam três crianças que por terem dificuldades de desenvolvimento estavam a ser apoiadas por uma equipa de intervenção precoce.

Era um grupo com bastante energia, bem-disposto, interessado e curioso. As crianças gostavam de partilhar notícias e descobertas e preferiam atividades que envolviam o movimento, a exploração e manipulação de materiais. Era evidente a autonomia das crianças embora para algumas fosse difícil cumprir regras e regular o seu comportamento sem a presença de um adulto.

O grande grupo dividia-se em três pequenos grupos (8 elementos) organizados por idade para a realização dos tempos de pequeno grupo.

A equipa educativa era constituída por uma Educadora de Infância e uma Auxiliar de Ação Educativa. Nesta sala era evidente o trabalho de equipa partilhando todas as informações referentes às crianças. Segundo Hohmann & Weikart (2007), “o trabalho em equipa é um processo de aprendizagem pela ação que implica um apoio e de respeito mútuo” (p. 130).

A equipa não seguia um único modelo pedagógico, mas cruzava diferentes perspetivas pedagógicas nomeadamente o Modelo curricular da Escola Moderna (MEM); o modelo High Scope e ainda a Pedagogia-em-Participação.

### 3.2. Caracterização do espaço educativo da sala

A organização do espaço da sala foi cuidadosamente pensada e organizada de acordo com as idades das crianças, os seus interesses e necessidades.

O espaço da sala era exíguo para o número de crianças do grupo e estava dividido em 6 áreas de interesse:

#### Área dos Jogos e Área das Experiências



Figura 13

Estas eram áreas contíguas. Na primeira área existiam mesas e cadeiras e uma prateleira com diversos jogos de encaixe. Na área das experiências existiam lupas, materiais naturais, pinças e lupas.

#### Área das Construções



Figura 14

Na área das construções um armário com vários recipientes, guardava blocos de madeira, animais, cones de linhas, bobines grandes, placas de cartão e de plástico.

#### Área do Faz-de-Conta



Figura 15

Nesta área existia uma mesa pequena de madeira, duas cadeiras, frutas e legumes de plástico, embalagens vazias, máquinas de calcular, dinheiro de plástico, mobiliário de cozinha e de quarto.

### Área das Artes



Figura 16

A área das artes incluía mesas e cadeiras, dois armários com diversos materiais para o desenho a pintura a colagem e a modelagem. (lápiz de cor, marcadores, lápis de cera, tintas, aguarelas, tesouras, colas, pinceis, revistas, folhas brancas, cartões, cartolinas, caixas de arquivo, plasticinas).

### Área da Biblioteca



Figura 17

A área da biblioteca estava equipada com um tapete, almofadas, estantes, uma caixa de cartões com canções, livros de histórias e de pesquisa.

### Área da Escrita



Figura 18

Nesta área existia um cavalete, caixa com folhas brancas, lápis de carvão, afias, borrachas, cartões com nomes das crianças, carimbos, régua com letras, quadro, peças magnéticas e canetas.

## 3.3. Organização do tempo educativo – Rotina Diária

O dia-a-dia das crianças estava organizado segundo uma sequência previsível de acontecimentos. A rotina diária (anexo 2) iniciava-se com o tempo de Acolhimento. Crianças e

adultos saudavam-se, contavam novidades e registavam as presenças. Seguia-se o tempo de planeamento em grande grupo. O adulto questionava as crianças, sobre o que pretendiam fazer nas áreas de interesse e os materiais que iam utilizar. Alguns planos das crianças davam seguimento a projetos individuais ou projetos de grupo já iniciados. Seguia-se depois o tempo de atividades e projetos durante cerca de 30 minutos. Findo este tempo o grupo regressava ao centro da sala para rever e partilhar o que tinha feito.

Após uma rotina de higiene seguiu-se o almoço e depois a sesta para as crianças mais novas. O período da tarde tinha início com atividades de animação sociocultural que eram realizadas com o apoio das auxiliares privilegiando mais uma vez o espaço exterior, mas também a brincadeira livre dentro da instituição. A segunda-feira e a sexta-feira eram destinadas às atividades de música e de expressão motora, respetivamente, sendo que as mesmas eram dinamizadas pela educadora.

Seguia-se o tempo de pequeno grupo com atividades da iniciativa do adulto planeadas com base nas observações das crianças.

## Capítulo IV - Estratégias de Intervenção Pedagógica – Creche

### 1. Identificação da problemática

A proposta de intervenção pedagógica em contexto de creche é resultado das observações realizadas durante as primeiras semanas de estágio. Assim, foi possível constatar que as crianças desta sala apreciavam bastante as atividades realizadas no exterior a julgar pelas suas expressões de bem-estar, de satisfação e de envolvimento nessas atividades.

Numa das observações e após a atividade de psicomotricidade a educadora propôs às crianças brincarem um pouco num dos parques exteriores.

*“As crianças estão felizes por estarem no exterior a brincar, umas andam de baloiço e pedem a um dos adultos para empurrar, mas a maior parte prefere o escorregão. Todas querem subir ao mesmo tempo. É possível observar a satisfação das crianças por estarem no exterior a brincar. Na hora de ir para dentro fazer a higiene pessoal e ir almoçar as crianças ficam tristes por não terem mais tempo para estar no exterior.”*

**Nota de campo, dia 19 de fevereiro de 19**

Uma outra observação, surgiu também após uma atividade de psicomotricidade.

*“No exterior as crianças correm à volta do espaço onde estamos por sugestão da educadora. Mostram-se felizes e sorriem por estarem a correr. Algumas crianças correm com bastante intensidade, outras tropeçam nelas próprias e acabam por cair, mas logo de seguida levantam-se e continuam a correr. Apanham folhas que estão espalhadas no chão e correm com elas nas mãos. Algumas aproximam-se de mim para mostrar as folhas que apanharam. Depois de terem andado a correr a educadora propõe alguns exercícios, (rodar o pescoço para a direita e para a esquerda e vice-versa; chegar com as mãos aos pés sem dobrar os joelhos; rodar o braço direito e depois o esquerdo; rodar os pulsos em direções diferentes). Como as crianças evidenciam algum cansaço, esta deixa que elas façam os exercícios sentadas. Depois diz-lhes que podem fazer o que quiserem, e elas voltam a correr. Algumas sobem escadas e descem, mas sempre com a supervisão de um adulto. Com o aproximar da hora do almoço a educadora sugere ao grupo mudar de local. Então vamos para um espaço onde existem umas caixas de plástico com troncos de madeira. Mais uma vez as crianças ficam entusiasmadas com a ideia de fazer construções com “rodela” e troncos de madeira. Um grupo de crianças brinca com uma árvore pegando em algumas folhas que estão no vaso e em pedrinhas que vão encontrando. Chega a hora do almoço*

*e as crianças tem de ir para dentro para fazer a higiene pessoal e para almoçar. É visível que ficam tristes e que querem ficar mais tempo no exterior.”*

*Nota de campo, 12 de março de 19*

Após ter observado estas situações perguntei à educadora por que razão, as crianças não brincavam no espaço exterior com mais frequência. Apesar do espaço exterior da instituição ser amplo algumas zonas não estavam nas melhores condições e por isso estavam a ser reestruturadas.

Constatar o entusiasmo das crianças pela brincadeira no exterior e verificar o investimento da própria instituição na reorganização desse espaço levou-me a escolher esta temática para desenvolver um projeto de intervenção pedagógica.

Deste modo, e depois de dialogar com a educadora cooperante, delineei os seguintes objetivos:

- Estimular o brincar no espaço exterior;
- Observar as crianças e identificar as aprendizagens que desenvolvem no espaço exterior;
- Sensibilizar os pais para os benefícios de brincar no exterior;
- Conhecer o potencial do espaço exterior para promover a aprendizagem das crianças;

De referir que a observação e a escuta foram cruciais para a elaboração e definição dos objetivos do projeto. Segundo Oliveira-Formosinho, (2013) “a observação e a escuta são importantes para que se conheça as crianças em contexto educativo, os seus interesses, as suas motivações, o conhecimento que estas detêm, os seus desejos, numa procura de ética de reciprocidade” (pp. 48-49).

## **2. Estratégias de intervenção**

As estratégias de intervenção apresentadas e descritas de seguida, foram planificadas de acordo com os interesses das crianças. Neste sentido as OCEPE (Silva et al.,2016), dizem-nos que “Planear, não é assim, prever um conjunto de propostas a cumprir exatamente, mas estar preparado para acolher as sugestões das crianças e integrar situações imprevistas que possam ser potenciadoras de aprendizagem” (p.15).

As estratégias centraram-se essencialmente na exploração de materiais naturais dentro da sala, uma vez e como tal já foi referido, os espaços exteriores encontravam-se em reestruturação e não podiam ser utilizados na sua totalidade. Contudo, quando foi possível as atividades foram realizadas nos espaços exteriores da instituição.

## 2.1. Organizar materiais naturais em caixas de diferentes tamanhos.

Tal como foi referido anteriormente e dado o interesse evidenciado pelos espaços exteriores e após um diálogo com as crianças, apresentei-lhes diferentes materiais que podíamos encontrar no parque/jardim e na praia. Decidi levar os materiais naturais (folhas, paus, conchas e pedras) para o interior para que as crianças os pudessem explorar. Inicialmente a opção seria trazer as crianças para o exterior, mas tal não foi possível devido às condições meteorológicas. Para que fosse possível agrupar os materiais naturais disponibilizei quatro caixas de diferentes tamanhos. A ideia das caixas veio no seguimento da leitura e exploração da obra “A Caixa” de Mib Flyte, na semana anterior. A obra fala de quatro crianças que encontram caixas com diferentes tamanhos começando da mais pequena para a maior.

Iniciei a atividade apresentando ao grupo uma grande caixa com três caixas de tamanho progressivamente menor. Desafiei as crianças a imaginar o que estaria dentro da caixa grande e a contar as caixas que iam aparecendo.

*Estagiária – O que tenho dentro desta caixa?*

*R.S – Vamos descobrir?*

*Estagiária – Vamos. 1,2,3*

*R.S – Outra caixa.*

*Estagiária – E o que será que tenho dentro desta caixa?*

*R.S – Vamos ver!*

*Estagiária e crianças – 1, 2, 3...*

*Crianças – Outra caixa*

*As crianças acham engraçado encontrarem caixas dentro de caixas e ficam espantadas.*

*Estagiária – Outra caixa...E agora, dentro desta caixa?*

*L – Será outra caixa?*

*Estagiária – Vamos espreitar...1,2,3*

*Crianças – Outra caixa, ah ah ah*

*Estagiária – E dentro desta caixa?*

*Crianças – Vamos descobrir....*

*Estagiária – Vamos, vamos contar todos juntos, 1,2,3.*

*Crianças – Outra caixa!*

*Estagiária – Quantas caixas é que nós contamos?*

*Crianças – 3, 4.*

*Estagiária -Vamos contar. (Enquanto aponto para as caixas).*

*Estagiária e crianças – 1,2,3,4 ...São 4 caixas*

***Nota de campo, 11 de abril 2019***

Depois introduzi um saco transparente com os materiais naturais. Pretendia que as crianças reparassem nas diferenças e semelhanças entre os materiais e os juntassem em função desses critérios. Questionei as crianças acerca de materiais que podíamos encontrar no parque ou na praia retirando do saco os materiais que elas iam identificando. De seguida fui pedindo às crianças que ajudassem a arrumá-los nas caixas vazias. Sugeri a duas crianças de cada vez escolher materiais e colocá-los nas caixas com materiais idênticos. Em geral as crianças agruparam os diferentes materiais embora algumas evidenciassem alguma insegurança na arrumação.

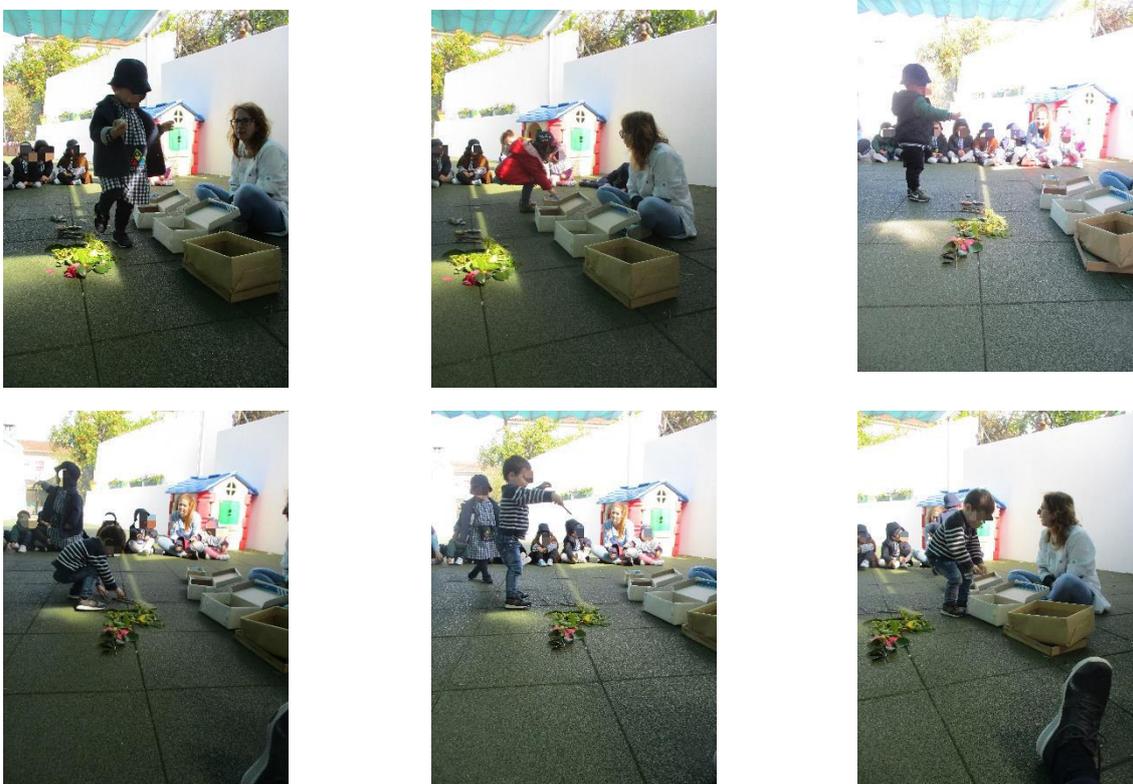


Figura 13 Seleção e categorização dos materiais naturais escolhido pela criança

## 2.2. Exploração de materiais naturais

Posteriormente planifiquei uma atividade de pequeno grupo para explorar os materiais naturais introduzidos na sala. A minha intenção com esta atividade era que as crianças demonstrassem iniciativa, explorassem os atributos dos materiais naturais e pudessem utilizá-los para fazer representações criativas.

Durante a exploração dos materiais as crianças iam falando acerca do que estavam a fazer.

*M – Olha Tânia, é um baco (barco). É uma piscina. (paus, pedras conchas)*

*Estagiária – Como fizeste o barco.*

*M – Com os paus, e a piscina fiz com as pedras e as conchas.*

*Estagiária – Está muito bonito M.*

*L – Tânia fiz um quadro, isto agora é um círculo. (conchas, pedras e folhas)*

*Estagiária – L, e o que queres fazer mais com os materiais?*

*L – Quero pintar.*

*Estagiária – L. hoje vamos explorar só os materiais, para a semana podemos usar os materiais para pintar, o que dizes, gostas da ideia?*

*L – Sim, tá bem.*

*A – Oia (olha), fiz fogo. (paus e pedras)*

*Eu – Fizeste fogo?*

*A – Sim, paus, pedras.*

*R. S – Olha.*

*Estagiária – Diz R.S. o que estas a fazer?*

*R.S – Estou a fazer um quintau (quintal), um quintau de folhas. Assim fica mais maior. (folhas, pedras, conchas)*

*Estagiária – Fica maior.*

*R. S – Sim! Fica maior. São os mateais.*

*R. M – Estou a fazer uma prenda. (folhas, pedras, conchas e paus)*

*Eu – Estás a fazer uma prenda, para quem?*

*R. M – Para ti.*

*Estagiária – Para mim?*

*R. M – Sim, está a ficar muito giro,*

*Estagiária – Pois está, obrigada. Gosto muito.*

*G.F – Tânia, fiz uma supesa (surpresa), para ti. (pedras, conchas, folhas)*

*Estagiária – Fizeste, o que é a surpresa?*

*G. F – É isto, olha.*

*Estagiária – Obrigada G. Gostei muito da surpresa*

*Nota de campo, 2 de maio de 2019*

Observei que inicialmente, as crianças estavam muito focadas na própria exploração dos materiais acrescentado e retirando materiais às suas produções. Mas durante a atividade algumas crianças mostraram estar também atentas às produções dos pares como é visível no registo fotográfico.

Ao oferecermos elementos da natureza às crianças, estamos a potenciar a sua imaginação e criatividade uma vez que os materiais naturais podem ser explorados de diferentes formas e transformados naquilo que as crianças quiserem. Bento, Bilton e Dias (2017) dizem-nos que “Na sua ação, a criança descobre diferentes utilizações para os objetos, atribuindo-lhes funções e significados distintos” (p.49).

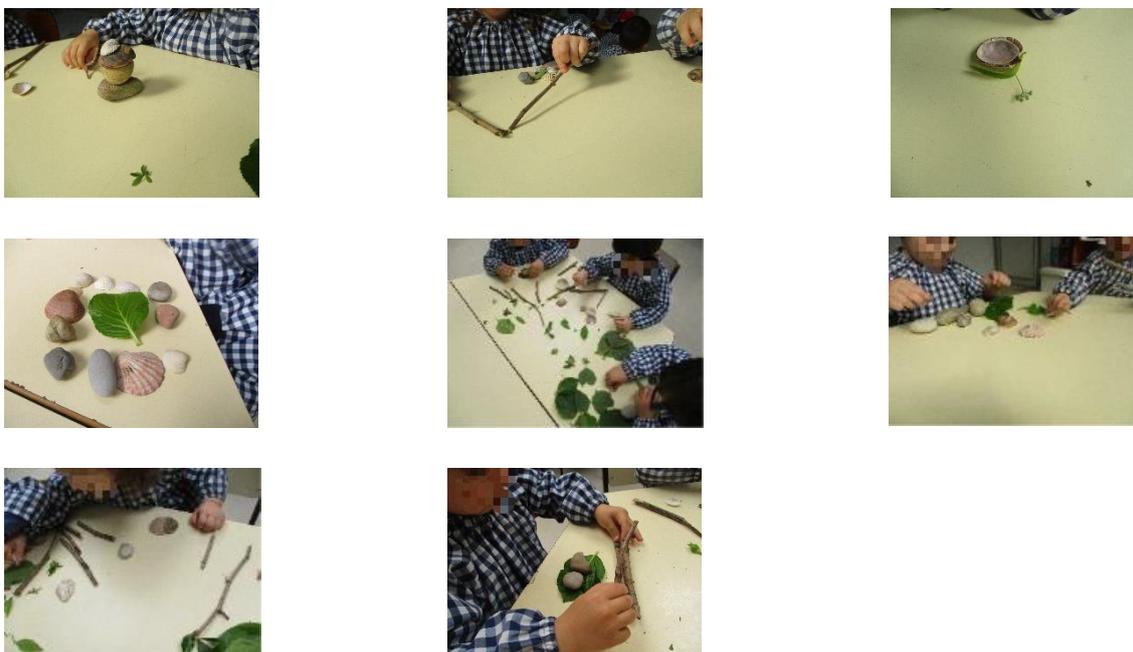


Figura 14 Exploração dos materiais naturais

### 2.3. Pintar com materiais naturais

No seguimento da sugestão de uma das crianças na atividade anterior propus ao grupo uma atividade de pintura dos materiais naturais. Antes de iniciar a atividade conversei com as crianças sobre o que tínhamos estado a fazer anteriormente.

Para esta atividade, foram disponibilizados diferentes materiais de pintura (marcadores, lápis de cor, tintas, pinceis e folhas brancas) em quantidade suficiente para promover a escolha e a manipulação autónoma.

Durante a atividade estive atenta ao que as crianças faziam e como faziam. Foi interessante observar que G.F, pegou num pau, mergulhou-o na tinta azul, utilizando-o como pincel para pintar os restantes materiais naturais. Enquanto o G.F fazia isto a F.F olhava para ele admirada e exclamava: “*Tânia, olha o que o G. está a fazer*”, “*G. não é assim que se faz, tens que usar o pincel para pintar, não é Tânia*”. Depois desta observação da F.F eu dirigi-me a ela e expliquei que cada menino podia utilizar os materiais como queria.



Figura 15 Criança a pintar com um pau e depois a mesma criança a pintar com um pincel

Na verdade, “Os elementos naturais apresentam-se como multissensoriais, possibilitando inúmeras formas de utilização, em função dos interesses e características de cada criança.” (Woolley & Lowe citados por Bento, Bilton, & Dias, 2017, p. 48)

Através da observação também reparei que algumas crianças primeiro pintavam o material que tinham selecionado e depois o utilizavam como carimbo. Outras crianças pintaram as folhas sobretudo de verde, laranja e vermelho. Entretanto todas estiveram envolvidas não só na atividade de pintura, mas também no efeito da carimbagem dos materiais. A atividade deu origem a criações originais e todas diferentes evidenciando as escolhas das crianças.



Figura 16 Crianças a utilizar folhas para carimbar a folha branca



Figura 17 Crianças a pintar as folhas de diferentes de cor.

## 2.4. Exploração de areia

Tendo observado o interesse das crianças pela exploração da terra aquando o tempo de exterior no parque da instituição em tempo de pequeno grupo uma atividade de exploração de areia, uma vez que a terra que existia no parque, ainda não estava em condições de ser utilizada.

Desta forma, arranjei uma caixa onde coloquei areia, alguns recipientes de plástico de vários tamanhos e tampas de plástico. Dividi o grupo, em pequenos grupos de quatro crianças. durante dois dias todas as crianças do grupo puderam explorar a areia. Para esta atividade pretendi promover a iniciativa das crianças, a resolução de problemas, o desenvolvimento cognitivo das crianças, especificamente o encher e esvaziar dos recipientes, o desmanchar e construir as suas produções.

A atividade foi realizada no exterior e a caixa de areia colocada na zona da cozinha onde as crianças também tinham à sua disponibilidade alguns utensílios.

Pegaram de imediato nesses utensílios (colheres e forma) e trouxeram-nos para junto da caixa da areia.

Algumas crianças inicialmente mostravam receio em mexer na areia com as mãos, usando as colheres para encher os recipientes. Depois foram perdendo o receio e já exploravam a areia com as mãos.

Durante a exploração da atividade uma criança, depois de encher um recipiente disse:

*D – Olha Tânia, este copo está pesado.*

*Estagiária – Está pesado? E porque é que achas que está pesado D?*

*D – Está pesado porque está cheio de areia. Até acima. Não cabe mais. Vês?*

*Estagiária – Pois, Não tem espaço para colocares mais areia.*

A criança continua a encher e esvaziar vários recipientes. Depois de esvaziar um deles vem perto de mim e diz:

*D – Tânia, agora este está leve, muito levezinho.*

*Estagiária – E agora está leve porquê?*

*D – Está levezinho, porque não tem areia, está vazio,*

***Nota de observação, 22 de maio de 2019***

Nesta atividade D. enche e esvazia recipientes, faz comparações e aprende conceitos relacionados com o peso. Como sugerem Bento, Bilton e Dias (2017), “Ao encher e esvaziar, várias vezes, recipientes com solo ou água, a criança aprende conceitos relacionados com o peso (e.g. quando o balde está cheio, fica, mais pesado) (...). (p.49).

Tal como o D. a maior parte das crianças encheram e esvaziavam várias vezes os recipientes e apreciando os efeitos das suas ações (a areia a cair dentro da caixa, algumas até esvaziavam lentamente o recipiente para apreciar aquele momento.) Bento, Bilton e Dias (2017), dizem-nos também que “ações repetidas da criança, não significam, necessariamente, desinteresse pela atividade ou reduzida complexidade, devendo ser consideradas como importantes estratégias de aprendizagem”. (p.49)

Durante a atividade também foi possível observar uma interação bastante positiva entre as crianças que estavam a explorar a caixa da areia, havendo colaboração entre elas. Por exemplo, enquanto uma criança enchia a forma a outra segurava-a e depois as duas pegavam na forma e a entornavam no chão. “Isto é um bolo”. Depois cantavam os parabéns.



Figura 18 Exploração da caixa da areia

### 3. Análise reflexiva da Intervenção Pedagógica

O presente projeto de intervenção pedagógico, no contexto de creche, foi desenvolvido com o objetivo de proporcionar às crianças um contato mais direto com o espaço exterior e com os materiais naturais.

Durante a intervenção pedagógica também foram realizadas atividades relacionadas com as diferentes áreas de aprendizagem, permitindo também que as crianças se envolvessem em experiências-chave, essencialmente relacionadas com o desenvolvimento cognitivo; artes criativas, comunicação e linguagem. As crianças realizaram atividades onde tiveram a oportunidade de construir marcas, com copos de plástico reutilizáveis, pedrinhas, botões e folhas secas.



Figura 19 Crianças a construir marcas com diferentes materiais

Uma outra atividade que foi proporcionada às crianças foi a germinação de uma leguminosa. Durante mais ou menos duas semanas tiveram a oportunidade de constatar a diferença do primeiro dia para os dias seguintes.



Figura 20 Criança a realizar o processo de germinação



Figura 21 Raiz aquando o transporte para o vaso

Para além das atividades descritas anteriormente, as crianças tiveram oportunidade de vivenciar outras atividades, que passaram pela leitura de histórias, atividades de movimento e de música entre outras.

Quando delinee o projeto, tinha definido como um dos objetivos, levar as crianças a explorar o Parque da Devesa um espaço natural de grandes dimensões na cidade. Porém, as saídas com o grupo envolviam a mobilização de mais recursos humanos para além da equipa educativa da sala. Durante o período de estágio essa mobilização não foi possível. As condições climáticas e os condicionalismos criados pela reestruturação dos parques foram outros obstáculos. Contudo ainda foi possível realizar algumas atividades no exterior.

A planificação e o desenvolvimento das atividades foram processos sustentados na observação do grupo e na reflexão dos dados da observação em conjunto com a educadora cooperante.

Após cada atividade procurava refletir acerca das aprendizagens das crianças, das estratégias adotadas por mim, assim como perceber se as atividades estavam ou não a fazer sentido para as crianças. Estas reflexões permitiram perceber que as atividades em pequeno grupo funcionavam melhor, na medida em que havia uma maior atenção da minha parte em relação a cada criança, a observação tornava-se mais fácil e a interação entre adulto/criança mais eficaz.

Em quase todas as atividades foi dada a oportunidade às crianças de explorarem e manipularem os materiais naturais com autonomia. O grupo teve oportunidade de conhecer as características dos diferentes materiais naturais e identificar as suas diferenças e semelhanças. Atribuir-lhes diferentes significados e fez criações com eles. Durante as atividades foi possível observar uma interação positiva entre pares. Por exemplo, na atividade de exploração de materiais naturais inicialmente as crianças fizeram-no individualmente, mas progressivamente foram procurando os pares para explorarem os materiais juntos.

Penso que o grupo se envolveu na exploração da areia e que desfrutou da atividade. Uma outra atividade que gostava de ter proporcionado às crianças, era a exploração da água, mas tal não foi possível, devido às condições climáticas.

## Capítulo V - Estratégias de Intervenção Pedagógica – Pré-Escolar

### 1. Identificação da Problemática

A proposta de intervenção pedagógica supervisionada II, em contexto de educação pré-escolar, surgiu após as observações do grupo e o diálogo com a equipa educativa, nas primeiras semanas de estágio.

As idas aos espaços exteriores eram privilegiadas pela educadora, mas principalmente pelas crianças. A transição do espaço interior para o espaço exterior era vivida com grande alegria e entusiasmo. As crianças adoravam estar no exterior e aproveitando ao máximo todas as áreas que este espaço lhes oferecia, dando preferência à cozinha recreativa, apetrechada com um tanque com terra e uma cozinha com diferentes utensílios. Outras das áreas preferidas era a área das construções, onde existiam, baldes com pedaços de madeira, caixas com materiais naturais, alguns materiais relacionados com a praia.

O espaço exterior pode oferecer à criança excelentes oportunidades de exploração, desafios, liberdade e autonomia, permitindo que esta experiencie todos os seus sentidos. Para Bento, Bilton e Dias (2017), “Através do brincar no exterior, as crianças têm a oportunidade de enfrentar riscos, resolver problemas de forma autónoma e de mobilizar o corpo e os sentidos nas suas explorações” (p.17).

Para além das áreas já referidas, o espaço exterior do pré-escolar tinha ainda, a área do parque, a área dos troncos amarelos, a área dos circuitos e desafios e a área desportiva. Cada uma estava equipada com materiais e equipamentos que estimulavam diferentes experiências e aprendizagens sociais, cognitivas, motoras e físicas.

*“Estão cinco crianças, o A. o D. T, a L. o L. e o T.F. Uma das crianças diz que estão a fingir que os homens do camião do lixo. Pegam em cestos de madeira existentes na área (são os contentores do lixo) fingem que recolhem o lixo e o despejam para um monte. As crianças usam luvas e também meias. Uma das crianças trouxe meias de casa e sugeriu aos amigos que as utilizassem como luvas. A expressão facial das crianças revela sinais de satisfação concentração no que estão a fazer, energia e satisfação. Depois de terem despejado todos os cestos as crianças sobem para o monte de madeira e dizem que vão em cima do camião.”*

***Nota de observação, 24 de setembro de 2019***

*“Um grupo de crianças, F., o G.F, a C, a G. o F. o A. e o D. perguntam se podem calçar as galochas e vestir a capa para poderem brincar com a terra e com a água. É- lhes dito que sim. Elas ficam felizes. Depois de devidamente vestidas dirigem-se para a cozinha criativa onde enchem*

*recipientes com terra e água e dizem que estão a fazer bolos. Como há uma torneira de água neste espaço começam a formar-se poças de água. As crianças saltam sobre as poças com energia e satisfação.”*

***Nota de observação, 8 de outubro de 2019***

Durante a observação do grupo também foi possível constatar que as crianças tinham algum interesse pela reciclagem do lixo. A educadora já tinha desenvolvido com as crianças conversas acerca deste tópico e da importância de preservar a natureza.

*“O D.T e a L fizeram uma construção com copos de plástico na área dos jogos. No tempo de revisão o A sem querer, deu um pontapé na construção e partiu um copo. A educadora pediu que esta fosse deitar o copo ao lixo. O L disse que tinha de ser no lixo amarelo porque o copo era de plástico. Como não se realizava a separação do lixo na sala a educadora sugeriu que a criança deixasse o copo junto da janela para posteriormente arranjarmos um sítio para colocar o plástico”*

***Nota de observação, 8 de outubro de 2019***

De modo a dar resposta e a ampliar aos interesses observados no grupo delinieei um projeto de intervenção pedagógica com a intenção de continuar a sensibilizar as crianças para a reciclagem e de criar oportunidades para fazer criações com materiais reutilizáveis e naturais. Deste modo defini os seguintes objetivos do projeto:

- Ampliar as oportunidades de exploração e brincadeira no exterior;
- Desenvolver hábitos de reciclagem;
- Sensibilizar as crianças para a importância de reutilizar materiais
- Estimular capacidades de representação criativa com materiais de desperdício e naturais;
- Promover atitudes de respeito e cuidado com os espaços naturais.
- Compreender os efeitos da reutilização de materiais de desperdício no desenvolvimento de hábitos de reciclagem e na estimulação da imaginação e criatividade das crianças.

## **2. Estratégias de Intervenção**

As estratégias de intervenção apresentadas foram planeadas de acordo com os interesses e capacidades observados no grupo. Segundo as OCEPE (Silva et al., 2016) “Planejar permite, não só antecipar o que é importante desenvolver para alargar as aprendizagens das crianças, como também agir, considerando o que foi planeado, mas reconhecendo simultaneamente oportunidades de aprendizagem não previstas, para tirar partido delas”. (p.16)

As atividades propostas centraram-se na exploração de alguns materiais naturais, mas também na reutilização de materiais considerados “lixo” criando e dando “nova vida” aos mesmos. As atividades apresentadas foram sempre discutidas com a educadora cooperante, uma vez que tanto o meu projeto de intervenção como o projeto pedagógico da sala tinham alguns objetivos em comum. Por exemplo, a reciclagem e reutilização de materiais que poderiam ir para o lixo, bem como a redução de recursos materiais novos, por exemplo o papel.

De seguida irei descrever as principais atividades desenvolvidas essencialmente em pequeno grupo.

## **2.1. Apresentação da música “Planeta Limpo”**

Esta atividade surgiu depois da Educadora, da sala de berçário, ter oferecido à sala de Pré-Escolar 1, uns ecopontos (amarelo, verde e azul) que iriam servir para darmos início à reciclagem dos materiais, que se iam estragando. Quando enchêssemos os recipientes iríamos ao ecoponto no exterior ou experimentar reutilizar os materiais.

Para que crianças aprendessem como fazer a reciclagem e a sua importância para preservar o planeta resolvi apresentar a canção “Planeta Limpo” (anexo 3), uma vez que o grupo aprecia os momentos musicais. A letra da canção permite sensibilizar as crianças para os tópicos anteriores e promover a linguagem dado que se apresenta em rima. “A abordagem à música no jardim de infância dá continuidade às emoções e afetos vividos (...) contribuindo para o prazer e bem-estar da criança (...) Também a linguagem oral, utilizada de forma expressiva e ritmada, pode ser considerada uma forma de desenvolvimento musical (Silva et. al.,2016, pp.54-55). Através desta atividade também pretendi explorar com as crianças diferentes tonalidades de voz, alterando a forma como cantávamos a música (mais baixo ou mais alto, mais grave ou mais agudo).

Para a realização desta atividade, utilizei os ecopontos oferecidos e também um ecoponto vermelho que eu fiz com recurso a uma caixa de sapatos, uma vez que a canção falava de um ecoponto vermelho que nós ainda não tínhamos na sala. Esta ideia surgiu depois de ter conversado com a educadora cooperante e esta achar boa ideia construir um ecoponto vermelho para colocar por exemplo as pilhas dos comandos da televisão e ou do ar condicionado da sala.

Com recurso ao computador o grupo escutou a canção e ao mesmo tempo viu o vídeo.

Antes de mostrar o vídeo às crianças e em grande grupo, conversei com as crianças sobre o que iríamos ver, e que a música que elas iam aprender, explicava como poderíamos separar o lixo que fazemos na nossa casa ou na escola.

A pedido das crianças tornamos a ver o vídeo e a escutar a música. Desta vez sugeri que cantassem a canção imitando alguns gestos. Uma parte do grupo já me acompanhou no refrão que era de fácil memorização. Repetimos mais uma vez a canção desta vez sem recurso ao suporte digital.

No fim da exploração da canção dispus no centro da roda da conversa materiais de desperdício para que as crianças os dividissem de acordo com os diferentes ecopontos que tínhamos na sala. Pedi a algumas crianças que viessem recolher materiais para colocar nos ecopontos. Todo o grupo ajudaria. O desafio foi facilmente resolvido tendo eu percebido que a maioria das crianças sabia onde colocar vidro, papel, cartão e plástico.

É fundamental que desde cedo o adulto e ou educador comecem a sensibilizar as crianças para a preservação da natureza uma vez que “(...) intervenções precoces para crianças pequenas são essenciais não apenas para o seu próprio bem-estar, também apresentam efeitos sustentáveis em longo prazo (...)” (Unesco, 2016, p. 49, citado por Folque, Aresta & Melo, 2017, p. 2)



Figura 21 Criança a realizar o desafio proposto

## 2.2. Reciclagem de papel velho

Como um dos objetivos do projeto de intervenção era a redução de recursos materiais novos e uma vez que o ecoponto azul estava a ficar cheio, eu e a educadora cooperante, decidimos mostrar às crianças, como é que poderíamos fazer a reciclagem do papel velho existente na sala.

Com a realização desta atividade pretendi mostrar às crianças como é que podíamos transformar o papel velho em papel novo com recurso a materiais existentes na sala, uma vez que as crianças já tinham questionado os adultos sobre como era feita a reciclagem do lixo que estava nos ecopontos. Também foi minha intenção oferecer às crianças uma atividade de exploração e manipulação de novos materiais (esponjas e pasta de papel) e estimular a colaboração entre pares.

Desta forma e para que fosse possível realizar esta atividade, no dia anterior um grupo de crianças, esteve a cortar o papel em pedacinhos pequenos para dentro de uma bacia, para que o papel ficasse humedecido e fosse mais fácil criar uma pasta com o mesmo.



Figura 22 Crianças a rasgar papel para depois ser reciclado

Inicialmente as crianças estavam sentadas em grande grupo e expliquei explicado quais os passos que iríamos seguir para reciclar o papel. Posteriormente foi colocado no centro, uma das bacias, para que todas as crianças pudessem ver o papel a ser triturado com recurso a uma varinha mágica.



Figura 23 Papel a ser triturado por um adulto

Após este momento, o grande grupo foi dividido em dois pequenos grupos. Em cada mesa de trabalho para além da bacia com a pasta, existiam, purpurinas, tintas de diferentes cores, esponjas e dois quadros de madeira, com rede, para que fosse possível colocar a pasta de papel, escorrê-la e chegar ao resultado final.

De seguida e com auxílio de um adulto os quadros foram mergulhados na pasta e dados a cada duas crianças. Estas com as esponjas ajudavam a absorver toda a água para que depois ficassemos com uma nova folha de papel. Cada criança teve a oportunidade de fazer a sua própria folha e depois personalizar a seu gosto. Posteriormente este papel foi utilizado para a elaboração dos postais de natal.



Figura 24 Crianças a realizar os passos para reciclagem do papel

Durante o desenrolar desta atividade e como definido inicialmente foi perceptível a interação e a colaboração entre as crianças. Ainda durante a realização da atividade foi possível constatar a satisfação e a energia das crianças manipulando a pasta de papel, espremendo as esponjas cheias de água para dentro do recipiente. As crianças demonstraram força, destreza e coordenação motora.

À medida que iam realizando a atividade e depois de terminarem o seu pedaço de papel reciclado, algumas crianças mostraram interesse em repeti-la, mas tal não foi possível naquele dia.

### 2.3. Confeção de Pinheiros de Natal

Como outro dos objetivos do projeto era criar oportunidades para utilizar materiais naturais, propus ao grupo explorar barro. Assim em pequeno grupo distribuí a cada criança um pedaço de barro para que estas inicialmente pudessem manipular e explorar.

Com esta atividade pretendi oferecer às crianças oportunidade de explorar um material natural que habitualmente não tem ao seu dispor, estimular a iniciativa e a capacidade de representação criativa das crianças.

Como estávamos a preparar o Natal coloquei no centro dos pequenos grupos exemplares de pinheiros de natal em barro. Deste modo, as crianças podiam fazer um pinheiro ou outra representação e levar as suas produções para casa.

Já sentadas nas mesas e depois de alguns minutos de exploração do barro as crianças começaram a exprimir o que sentiam a mexer no barro, “*é muito frio*”; “*é um pouco duro*”; “*é macinho*”. Depois começaram a tentar fazer pinheiros de natal:

*T. F – Tânia, estou a fazer uma base para colocar o meu pinheiro*

*Estagiária – E como vais fazer a tua base?*

*T. F – Vou fazer assim, uma roda lisinha e depois ponho aqui o meu pinheiro.*

*Estagiária – Parece-me muito bem, assim, não cai.*

*R – Tânia, vou fazer uma estela (estrela), para pôr em cima do meu pinheirinho?*

*Estagiária – E depois, vais querer pintar a tua estrela?*

*R – Sim. De amarelo. Olha Tânia, isto são os ramos, os pinheiros têm ramos.*

*Estagiária – Pois tem R, tem ramos grandes e pequeninos.*

*D. T – Olha Tânia, estou a fazer bolinhas para colocar no pinheirinho.*

*Estagiária – D, está a ficar mito bonito, mas será melhor, fazeres as bolinhas com o teu dedo no teu pinheiro, porque essas podem descolar e cair,*

**Nota de observação, dia 10 de dezembro de 2019**

Sendo a primeira vez que as crianças contactaram com este tipo de material, penso que gostaram da atividade e estavam envolvidas no que estavam a fazer, o que era evidente, no discurso das mesmas enquanto manuseavam o barro. As crianças, fizeram várias tentativas para moldar os seus pinheiros até chegarem ao resultado que pretendiam.



Figura 25 Crianças a explorar o barro

### **3. Análise reflexiva da Intervenção Pedagógica**

O presente projeto de intervenção pedagógico, no contexto de pré-escolar foi desenvolvido com o objetivo de mostrar às crianças que nem tudo aquilo que achamos que é lixo, tem de ir efetivamente para o lixo e que podemos dar uma nova vida a esses materiais.

Quando delinee os objetivos para este projeto, pretendia que as crianças explorassem os espaços exteriores e os materiais naturais neles existentes, mas ao longo do estágio fui-me apercebendo que o que hoje podia suscitar interesse, no dia seguinte já não fazia qualquer sentido. Desta forma as atividades planeadas e realizadas assentaram principalmente na reutilização de materiais usados. Nas conversas em grande grupo também se abordaram tópicos relacionados com a preservação da natureza. As crianças diziam que não devia arrancar as folhas das árvores, mas sim brincar com as que estavam caídas no chão, que se devia aproveitar a água das chuvas, ao invés de abrir as torneiras e desperdiçar água desnecessariamente.

De referir que a maior parte das atividades foram planeadas para pequeno grupo, pois era mais fácil observar e interagir com as crianças bem como e responder às suas solicitações.

Apesar de não ter realizado muitas atividades penso que as crianças ficaram sensibilizadas para a temática da reciclagem e reutilização de desperdícios o que se evidenciava no dia a dia da sala. Por exemplo, quando se partia algum objeto na sala, a criança fazia questão de o ir colocar no ecoponto correspondente. A poupança de recursos foi outro hábito dentro da sala, quando por exemplo, utilizavam as folhas brancas de um lado e do outro, ao invés de pegar numa nova para fazerem um outro desenho. Na casa de banho utilizavam unicamente duas folhas de papel para limpar as mãos, chamando a atenção dos pares que não o faziam.

Em relação à intervenção pedagógica em contexto de educação pré-escolar, posso dizer, que nem tudo correu bem e que experienciei dificuldades e limitações. A gestão do grande grupo, a planificação e avaliação das atividades foram grandes desafios. A gestão de tempo a nível pessoal foi muito exigente uma vez que sempre tive de combinar os estudos com o trabalho. Gostaria de ter tido oportunidade de investir mais no estágio e mais tempo para ultrapassar de forma sustentada as dificuldades que experimentei.

## Considerações Finais

Terminada esta caminhada, é chegado o momento de fazer uma retrospectiva das principais experiências e aprendizagens adquiridas durante a PES (Prática de Ensino Supervisionada), quer em contexto de creche, quer em contexto pré-escolar e de refletir sobre o contributo dos referidos estágios, para o meu crescimento pessoal e profissional.

No final de 6 meses de estágio, três em contexto de creche e quatro em contexto de pré-escolar, faço um balanço positivo, sobre tudo aquilo que aprendi com cada criança e com as equipas educativas. Houve momentos menos bons, mas que serviram para aprender e crescer pessoalmente e profissionalmente.

Durante os estágios, tive a oportunidade de robustecer a imagem de criança, como um ser competente, participativo, ativo e capaz de construir o seu próprio conhecimento. A este propósito as OCEPE (Silva, et al.,2016), afirmam que:

“O reconhecimento da capacidade da criança para construir o seu desenvolvimento e aprendizagem supõe encará-la como sujeito e agente do processo educativo, o que significa partir das suas experiências e valorizar os seus saberes e competências únicas, de modo a que possa desenvolver todas as suas potencialidades” (p. 9)

O jardim de infância deve ser visto como um local onde as crianças aprendem e se desenvolvem integralmente, onde gostam de estar e são felizes quando interagem com as outras crianças, com a equipa educativa.

A PES, permitiu vivenciar de perto tudo aquilo que a teoria transmite, sendo que as aprendizagens práticas foram importantes para a construção do meu perfil profissional na medida em que, percebi o quão é importante dar atenção a todos os aspetos que caracterizam uma sala de creche e de pré-escolar. Ao longo do estágio aprendi a importância de estabelecer uma rotina sólida, mas ao mesmo tempo flexível; a importância de criar um ambiente educativo harmonioso, seguro, onde as crianças gostem de estar e também a importância de oferecer às crianças materiais de acordo com os seus interesses e necessidades. Para além disso e de acordo com os meus projetos de intervenção, considero importante oferecer às crianças espaços exteriores de qualidade, potencializadores de aprendizagens, interações e oportunidades para que a criança se desenvolva.

Desta forma, Sarmiento (2005) afirma que construção pessoal da filosofia educacional “é um processo social e humano que se desenvolve na interação de cada um com o mundo e com

o outro” (p. 72). Desta forma, considero que toda a formação teórica e prática durante o meu percurso académico foi fundamental para que começasse a construir a minha filosofia educacional. Contudo e como Vieira (2010) afirma,

“A aprendizagem em torno da profissão não se inicia apenas quando se entra na universidade, nem se esgota nessa etapa de formação: é antes, uma aprendizagem que acontece desde cedo, através de múltiplas experiências vividas como aluno, antes e durante o percurso académico na universidade, prolongando-se depois, na vivência quotidiana da profissão” (p. 41).

Na perspetiva de Luís, Andrade e Santos (2015), “uma maneira do educador se ir transformando...É ser sensível às necessidades de autovigilância da profissão e desejar, aceitar e incluir a participação da criança no contexto educativo no qual ela se encontra inserida” (p.524).

Durante os estágios, vivenciei inúmeras sensações, que passaram pelas lágrimas quando não conseguia controlar o grupo e quando não me sentia capaz de dar o melhor de mim às crianças. Porém os momentos de sorrisos e alegrias proporcionados em ambos os contextos deram-me a certeza de que é isto que quero fazer o resto da vida. Ao longo destes meses saliento a importância das educadoras cooperantes, mas também da orientadora de estágio, que me deram sempre muita força e coragem, para percorrer este caminho, acreditando sempre nas minhas capacidades.

Pude aprender com as crianças, participando nas brincadeiras e nas interações em grupo, mas também em todos os momentos de interação individual. Sinto-me feliz, quando me recordo de cada uma delas e me recordo de cada “gosto muito de ti” que elas me transmitiam. Posso afirmar que esta experiência foi bastante importante e gratificante para mim, penso ter atingido a maior parte dos objetivos que me propus.

## Referências Bibliográficas

- Alarcão, I. (1996). Ser Professor Reflexivo. In I. Alarcão, *Formação Reflexiva de Professores. Estratégias de Supervisão* (pp. 171-189). Porto: Porto Editora.
- Almeida, A. (2002). *Abordar o ambiente na infância*. Lisboa: Universidade Aberta
- Bento, G. & Portugal, B. (2016). Valorizando o espaço exterior e inovando práticas pedagógicas em educação de infância. *Revista Ibero-Americana de Educación*, 72, 85-104
- Bento, G. (2015). Infância e espaços exteriores-perspetivas sociais e educativas na atualidade. *Investigar em Educação*, 2(4), 127-140.
- Bento, G. (2017). Arriscar ao brincar – análise das perceções de risco em relação ao brincar num grupo de educadores de infância. *Revista Brasileira de Educação*, 22 (69), 385-403.
- Bento, G., Bilton, H. & Dias (2017). *Brincar ao ar livre*. Porto: Porto Editora.
- Coelho, A., Vale, V., Bigotte, E. & Figueiredo-Ferreira, A. (2015). Oferta educativa outdoor como complemento da educação pré-escolar: os benefícios do contacto com a natureza. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 10, 111-116.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes: uma estratégia de formação de professores*. Porto: Porto Editora.
- Fjortoft, I. (2001). The natural environment as a playground for children: The impact of outdoor play activities in pre-primary school children. *Early Childhood Education Journal*. 29 (2), 111-116.
- Folque, M. A., Aresta, F & Melo, I. (2017). Construir a Sustentabilidade a partir da Infância. *Cadernos de Educação de Infância.*, 112, 82-91
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2007). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Luís, J. F. Andrade, S. & Santos, P. C. (2015). A atitude do educador de infância e a participação da criança como referenciais de qualidade em educação. *Revista Brasileira de Educação*. 61 (20),520-541.
- Máximo-Esteves, L (2008). *Visão Panorâmica da Investigação Acção*. Porto: Porto Editora.
- Neto, C. & Lopes, F. (2018). *Brincar em todo o lado*. Lisboa: Câmara Municipal de Cascais e Associação de Profissionais de Educação de Infância.
- Oliveira – Formosinho, J. (Org.) (2013). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância: Construindo uma práxis de participação*. Porto: Porto Editora.

- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sarmiento, T. (2015). Identidades Profissionais e Contextos de Trabalho na Educação de In Ferreira, F. I & Anjos, C. I. (Org.). *Educação de Infância: Formação, Identidades e Desenvolvimento Profissional. Infância* (pp.69-86). Santo Tirso: De Facto Editores.
- Silva, A. T. (2012). *A infância e o brincar na era tecnológica: A escola em questão*. Obtido em 20 de março de 2019, de Infoteca: [http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos\\_template/upload\\_arquivos/acervo/docs/2028c.pdf](http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/2028c.pdf)
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Vale, M. J. (2013). Brincadeiras sem teto. *Cadernos de Educação de Infância*, 98, 11-13.
- Vieira, F. (2010). *A Aprendizagem da Profissão: Um Estudo de Caso de Portefólios Reflexivos de Educadores de Infância*. (Tese de Doutoramento não publicada). Universidade do Minho, Braga, Portugal.

## Anexos

- Anexo 1 – Rotina Diária – Creche

Horário	Atividades
9h30	Acolhimento
9h40	Atividade Pedagógica/Tempo de escolha livre
10h30	Higiene Pessoal
11h00	Almoço
11h50	Higiene Pessoal
12h00	Sesta
14h45	Higiene Pessoal
15h00	Lanche
16h00	Higiene Pessoal
16h15	Atividades livres de exploração do espaço e materiais da sala/espaço exterior
17h00	Atividades

- Anexo 2 – Rotina Diária – Pré-Escolar

Horário	Atividade
9h00	Receção na sala de Pré-escolar 1 e lanche da manhã (fruta)
9h30	Acolhimento
9h50	Atividades e projetos
10h40	Revisão e comunicação de atividades e aprendizagens
10h50	Tempo de exterior
11h30	Higiene
11h40	Almoço
12h20	Higiene
12h40	Período de descanso (crianças mais novas) ou período de atividades com Professora Rita (crianças mais velhas) a partir de outubro.
14h30	Despertar e higiene
15h00	Lanche
15h40	Proposta pedagógica do dia

16h30	Tempo de exterior ou tempo de animação cultural em grande grupo
17h30	Atividades de animação sociocultural na própria sala ou no exterior e reforço do lanche pelas 18h05 (fruta)

- **Anexo 3 – Música/Vídeo “ Planeta Limpo”**

<https://www.youtube.com/watch?v=lf8PafJYrus>